



## **THINK TANKS COMO MECANISMO DE ASCENDÊNCIA DO COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR E A NATUREZA DESTRUTIVA DO CAPITAL**

Artur Bispo dos Santos Neto<sup>1</sup>  
Virgínio Martins Gouveia<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente texto aborda a peculiaridade do complexo industrial-militar (CIM) e dos *think tanks* em sua articulação com a ossatura estatal, os quais intentam a atenuação da crise de expansão e acumulação do capital em tempos de crise estrutural. É fundamental entender a capilaridade da atuação dos *think tanks* (TT), relacionada ao complexo industrial-militar, e sua interseção com o Estado, na expectativa de deslocar as contradições imanentes do sistema do capital. O referido percurso tem sua *démarche* na produção teórica de Karl Marx (2017), István Mészáros (2011) e Ernest Mandel (1982). Esses autores permitem desvelar o complexo industrial-militar, que visa assegurar os interesses das corporações transnacionais estadunidenses. Busca, ademais, ressaltar as características do CIM orientadas para a radicalização da natureza essencialmente perdulária e destrutiva do sistema do capital, assim como a necessidade da transcendência radical das estruturas políticas e socioeconômicas de controle da força de trabalho.

**Palavras-chave:** Estado; crise do capital; István Mészáros; EUA.

## **THINK TANKS AS A MECHANISM OF ASCENDANCY OF THE INDUSTRIAL-MILITARY COMPLEX AND THE DESTRUCTIVE NATURE OF CAPITAL**

### **Abstract**

Abstract: this text addresses the peculiarity of the military-industrial complex (CIM) and think tanks in their articulation with the state structure, which intend to mitigate the crisis of expansion and accumulation of capital in times of structural crisis. It is essential to understand the capillarity of the activities of think tanks (TT), related to the military-industrial complex, and its intersection with the state, in the expectation of displacing the immanent contradictions of the capital system. This path has its *démarche* in the theoretical production of Karl Marx (2017) and István Mészáros (2011) and Ernest Mandel (1982). These authors make it possible to reveal the military-industrial complex, which is aimed at ensuring the interests of American transnational corporations. It also seeks to highlight the characteristics of the military-industrial complex oriented towards the radicalization of the essentially wasteful and destructive nature of the capital system, as well as the need for radical transcendence of the political and socioeconomic structures of labor force control.

**Keywords:** State; crisis of capital; István Mészáros; USA.

Artigo recebido em: 07/06/2024 Aprovado em: 21/11/2024  
DOI: <https://dx.doi.org/10.18764/2178-2865v28n2.2024.36>

<sup>1</sup> Professor do Curso de Filosofia, leciona no Programa de Pós-Graduação de Serviço Social, participa do Grupo de Pesquisa em Reprodução Social. E-mail: [arturbisponeto@gmail.com](mailto:arturbisponeto@gmail.com)

<sup>2</sup> E-mail: [virginiomgouveia@gmail.com](mailto:virginiomgouveia@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

O modo prevalecente de controle social do capital sobre a natureza e a força de trabalho inscreve-se sob o estigma da intensificação da alienação, do fetichismo e da reificação nos tempos hodiernos. O trabalho abstrato, instaurado como fundamento da arquitetura social que serve de base ao modo de produção capitalista, impõe a subordinação das relações humanas ao universo das coisas como mercadorias. A reificação das conexões sociais de produção é complementada pela “personificação das coisas”; assim, opera-se tanto a personificação das coisas (fetichismo) como a coisificação das pessoas (reificação), em que o capital-dinheiro transcende sua condição elementar de mera relação entre coisas (troca de mercadorias) para se constituir na entidade determinante de todas as relações sociais. Doravante, ocorre uma inversão das relações fundamentais e o inessencial passa a determinar o essencial, de modo que o conteúdo material das coisas é determinado pela forma germinal da mercadoria. A forma-valor aparece mistificadamente como dotada de capacidade de se autovalorizar, sem nenhuma conexão com o trabalho vivo.

O entendimento preciso do conceito de capital permitirá entender também o conceito marxiano de crise. A economia política não conseguiu elucidar a natureza do capital porque não entendeu devidamente o papel fundamental ocupado pela contradição no interior das categorias que forjam o capital. A contradição é o que permite entender tanto o conceito de capital quanto o conceito de crise, uma vez que ambos se movem por contradições incessantes, pois subsiste tanto uma noção de crise que é inerente ao modo de ser do capital e serve para que o capital possa se autoconstituir, quanto subsiste uma noção de crise que permite implodir o *continuum* do sistema do capital. Desse modo, os limites que o capital estabelece para si mesmo se movem contraditoriamente, ora como limites que permitem que o capital avance, auferindo taxas mais acentuadas de mais-valor que garantam seu autodesenvolvimento<sup>1</sup>, ora como limites que se revelam como absolutos e que impõem a necessidade do capital recorrer aos preceitos da produção destrutiva.

O tempo histórico que pauta o capitalismo tardio (Mandel, 1982) é marcado pela prevalência da recorrência aos preceitos da produção destrutiva, porque o referido sistema sociometabólico não consegue deslocar suas contradições sem aprofundá-las ainda mais. E, embora não apresente indicativos de completo esgotamento nos tempos hodiernos, o capital demonstra sinais da impossibilidade de continuar expandindo suas taxas de acumulação de mais-valor (para o trabalhador) e lucro (para o capitalista) sem acionar suas contradições internas mediante o bloqueio da possibilidade de expansão livre das forças produtivas e das relações de produção (Mészáros, 2011).

## THINK TANKS COMO MECANISMO DE ASCENDÊNCIA DO COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR E A NATUREZA DESTRUTIVA DO CAPITAL

Desse modo, o capital estabelece barreiras que ele não consegue transcender sem aguçar e aprofundar suas contradições.

As barreiras culminam bloqueando a normalidade do ciclo expansivo de acumulação do sistema constituindo-se como perturbações refratárias ao seu livre desenvolvimento; por isso, ele precisa evocar o complexo industrial-militar (CIM), como revelaram os anais da história do século XX<sup>2</sup>. A alternativa apresentada de deslocamento das contradições internas se expressou fenomenicamente na fisionomia de duas guerras mundiais. Entretanto, o deslocamento esboçado teve alcance limitado e não tardou para novamente acionar os expedientes destrutivos, expressos em novos conflitos bélicos parciais que pautam a etapa de ascendência do imperialismo norte-americano. Com a crise estrutural<sup>3</sup>, iniciada na década de 1970, as crises cíclicas se aguçaram e revelaram que a escalada bélica se configura como aspecto inerente ao desenvolvimento das relações capitalistas, e não como simples aspecto conjuntural.

A interceptação de sua capacidade expansiva e a impossibilidade de deslocamento dos seus antagonismos internos ativam os efeitos nocivos do alargamento objetivado que tinha como imperativo solucionar os problemas existentes (Mészáros, 2011). A crise não emana somente dos condicionantes primários estabelecidos, segundo os quais o valor produzido pode não se realizar, ou seja, da impossibilidade de a mercadoria efetuar o salto mortal para a forma dinheiro<sup>4</sup>. O sistema do capital está orientado para crises periódicas ou cíclicas, que por sua vez decorrem de múltiplos fatores (superprodução e superacumulação, subconsumo das massas, tendência à queda da taxa de lucro, concorrência e desequilíbrio da composição técnica do capital etc.) e, portanto, transcendem a perspectiva monocausal. Desse modo, subsistem múltiplas causalidades que propiciam a manifestação empírica da crise enquanto expressão imanente ao ser-precisamente-assim do capital. Tais manifestações fenomênicas intensificam-se na contemporaneidade devido ao aprofundamento das contradições entre produção-circulação-consumo, que encontram seu mais amplo esgarçamento na forma do capital fictício. Nessa formatação mistificada, ele parece emanar de si mesmo mediante a configuração parasitária dos juros e do rentismo. A financeirização encontrou, primeiro, na expansão do endividamento privado e público, uma maneira de reciclar os capitais ociosos emanados do setor produtivo; segundo, descobriu no mercado de futuros um subterfúgio de crescimento meramente fantasmagórico, em que o mercado bursátil especula acerca da promessa da existência de mercadorias. Assim, constatamos que a natureza autonomizada e fantasmal do capital encontra sua configuração na fórmula D-D' e não mais em D-M-D', em que a produção de mais-valor parece se desacoplar totalmente da produção direta de mercadorias.

Antes de salientar a atribuição que os *think tanks* exercem para o fortalecimento do poderio do complexo industrial-militar no interior do imperialismo norte-americano, o presente texto

tentará escrutinar a peculiaridade da manifestação do referido complexo no desenvolvimento do modo de produção capitalista, e como o Estado se revela como parte inerente da estrutura de comando do capital sobre o trabalho.

## **2 A RELAÇÃO DO COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR (CIM) COM O APARATO ESTATAL**

A conexão dialética entre complexo econômico e complexo militar intensifica-se na sociedade capitalista. Cumpre recordar que o capital vem ao mundo jorrando sangue e lama por todos os seus poros (Marx, 2017) e que a violência se consubstancia numa “potência econômica” mediante a qual o capital mercantil procura controlar e dominar a força de trabalho com a recorrência a mecanismos sabidamente coercitivos. A passagem da subsunção formal para a subsunção real implica a transcendência dos subterfúgios dos instrumentos coercitivos pelos mecanismos persuasivos. O processo de constituição do valor que se valoriza, pela mediação da apropriação do tempo de trabalho de seus produtores, ocorre a partir dos preceitos da autonomia do sujeito instituído pelo mercado, e não pela força bruta que forjou a etapa de acumulação primitiva ou originária de capitais. A forma da acumulação de riquezas, pela mediação das expropriações (roubos, furtos, saques, sequestros, guerras etc.) deve ser flexibilizada (mas nunca expurgada) pela acumulação assegurada via exploração direta da força de trabalho, ou seja, pela captura do mais-valor relativo.

O sistema do capital requer a constituição de uma série de mediações sociais muito mais complexas e mediatizadas do que a simples dominação de classe que advém da força bruta do exército; a seu lado, impõe-se a coexistência de uma constelação de preceitos subliminares (jurídico, político, educacional etc.) que garantem a universalização dos valores da burguesia (Hirsch, 2010), ou seja, subsiste uma “autonomia relativa” do Estado em relação às classes sociais, uma vez que ele não emana da vontade de sua classe dominante, mas das relações sociais que determinam o modo de produção capitalista.

A “teoria materialista do Estado”, na perspectiva derivacionista de Hirsch (2010), entende que é preciso apreender a capilaridade das relações da organização política articulada com as relações econômicas, em que é preciso diferenciar o Estado capitalista das outras formas históricas de dominação política. No modo de produção capitalista o Estado se constitui como elemento que garante as condições de produção e acumulação de capital pela mediação da exploração da força de trabalho como mercadoria, para isso ele constitui uma plêiade de mecanismos jurídicos e normativos (Hirsch, 2010).

O aparato estatal constitui-se então como estrutura política corretiva compatível ao atendimento das necessidades fundamentais de reprodução ampliada do capital. A complexidade da

## **THINK TANKS COMO MECANISMO DE ASCENDÊNCIA DO COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR E A NATUREZA DESTRUTIVA DO CAPITAL**

estrutura burocrática reflete inexoravelmente a forma de ser-precisamente-assim do capital e sua necessidade premente de controle absoluto do trabalho vivo. O Estado, escreve Mészáros (2011, p. 108-109), “se afirma como pré-requisito indispensável para o funcionamento permanente do sistema do capital, em seu microcosmo e nas interações das unidades particulares de produção entre si”. Assim, o Estado colabora de forma decisiva na proteção reiterada das unidades produtivas mediante a constituição de um sistema ubíquo de controle do trabalho, fazendo desaparecer o demiurgo essencial das equações sociais que culmina na forma de lucro, enquanto forma mistificada de manifestação do mais-valor.

O que estamos buscando afirmar é que o Estado corrobora no processo de obnubilação do poder central do capital sobre o trabalho e a humanidade, constituindo-se também como uma força material e não como mera expressão da superestrutura. Como estrutura de comando, ele forja uma superestrutura de atuação no interior do modo de produção regulado pela apropriação do tempo de trabalho excedente dos produtores, em consonância com a alteração das circunstâncias históricas (Mészáros, 2011). Enquanto parte constituinte da fundamentação material do sistema abrangente do capital, sua superestrutura legal e política “pode assumir as formas parlamentarista, bonapartista ou até de tipo soviético pós-capitalista, além de outras, conforme exijam as circunstâncias históricas específicas” (Mészáros, 2011, p. 121).

Mészáros, na esteira de Marx, realça o caráter estrutural do Estado em sua simbiose sociometabólica com o capital, por outro lado, Mandel sublinha a dinâmica de suas distintas funções. Mandel (1985), levando em conta a teoria marxista do Estado, acentua um aspecto relevante, fato que o distingue de outras análises marxistas<sup>5</sup>; isto é, para o marxista belga: não há uma correspondência única entre superestrutura e Estado, nem muito menos o Estado dispõe apenas de incumbências superestruturais. Para Mandel, é função do Estado, do mesmo modo, cumprir encargos de caráter estrutural, como por exemplo: “criar as condições gerais de produção que não podem ser asseguradas pelas atividades privadas dos membros da classe dominante” (Mandel, 1982, p. 333). Entre essas atribuições destacar-se-ia a garantia de um sistema de meios de transporte e de comunicação incontornáveis à realização das funções privadas, ou o estabelecimento de uma demarcação territorial da nação, assim como, de um sofisticado complexo econômico monetário.

Nesse sentido, o Estado recorre a uma dupla função, vale dizer, primeiramente: sua função integradora, com o intuito de fazer com que a ideologia de classe dominante seja aceita como uma ideologia de toda sociedade; criando assim a percepção de pertencimento de antagônicos numa mesma unidade social, falseando ideologicamente ao extirpar a contradição imanente oriunda da sociedade de classe, na exata medida em que oferece o engodo da igualdade formal que permite ludibriar a classe trabalhadora. Por outro prisma, o Estado também necessita exercer uma função

repressora contra as ameaças das frações burguesas descontentes e, especialmente, contra a classe proletária. Deste modo, o Estado, sob o prisma do capitalismo tardio, inclina-se na perspectiva de garantir as condições gerais e técnicas para a realização do desenvolvimento efetivo da produção de mais-valor e do lucro pelas mediações dos processos de intensificação da exploração da força de trabalho e das espoliações.

A passagem do capitalismo concorrencial para o capitalismo dos monopólios implicou numa alteração substancial da função objetiva do Estado em relação às suas tarefas centrais. A necessidade do capital monopolista de exportar capitais de forma cada vez mais acentuada para as regiões colonizadas impôs o crescimento substancial das despesas armamentistas e do militarismo. Nesse contexto, o Estado precisou ampliar seu tamanho na perspectiva de assegurar tanto os interesses das potências imperialistas perante seus rivais quanto para constituir-se como nova fonte de acumulação de capital (Mandel, 1982). E, no estágio do capitalismo tardio, essas funções do Estado precisam ser ampliadas incessantemente devido à aceleração da inovação tecnológica, às dificuldades crescentes de valorização do capital (supercapitalização e superacumulação), às crises econômicas etc.

A suscetibilidade crescente de intensificação das crises econômicas impõe que o Estado assuma a tarefa precípua de “administrador das crises”<sup>6</sup>. Segundo Mandel (1982, p. 340-41), “essa administração das crises’ inclui todo o arsenal das políticas governamentais anticíclicas, cujo objetivo é evitar, ou pelo menos adiar tanto quanto possível, o retorno de quedas bruscas e catastróficas como a de 1919/32”.

A ampliação de instituições repressivas (exércitos profissionais e/ou mercenários) e da legislação punitiva serve de confirmação de que a burguesia não se entregará passivamente com a intensificação das crises socioeconômicas de natureza explosivas” (Mandel, 1982). Nesse contexto, a oposição entre valor de uso e valor das mercadorias deixou de apresentar-se episodicamente para tornar-se constante no capitalismo tardio. E essa oposição encontrou sua máxima expressão na produção em massa da destruição.

No campo marxista, Rosa Luxemburgo exerceu papel pioneiro na caracterização do complexo industrial-militar quando salientou a peculiaridade da produção de “meios de destruição” como componente do processo de valorização do capital. E Ernest Mandel, em sua obra *O capitalismo tardio* (1985)<sup>7</sup>, avança na elucidação da anatomia do complexo industrial-militar quando acrescenta no esquema de reprodução ampliada do capital um terceiro Departamento (produção de meios de destruição) perante os Departamentos I (produção de meios de produção) e II (produção de meios de consumo). Pela mediação do terceiro Departamento<sup>8</sup>, o Estado procura superar a contradição entre produção e consumo. Entretanto, o esquema tripartite de reprodução ampliada do capital somente

## THINK TANKS COMO MECANISMO DE ASCENDÊNCIA DO COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR E A NATUREZA DESTRUTIVA DO CAPITAL

consegue imprimir uma solução provisória para as crises cíclicas do capital, sendo incapaz de apresentar-se como efetiva alternativa às contradições inerentes ao referido sistema, porque a indústria armamentista se inscreve nas unidades produtivas mais elevadas de tecnologia e serve para intensificar a composição orgânica do capital; com isso, culmina representando o aprofundamento das contradições do sistema, uma vez que a produção de meios destrutivos tem uma tendência a absorver um *quantum* cada vez maior da riqueza produzida pela classe trabalhadora. Segundo Mandel (1982, p. 198): “uma indústria permanente de armamentos é incapaz de solucionar o problema de realização inerente ao modo de produção capitalista quando o progresso técnico está aumentando”.

O terceiro Departamento emergiria como uma espécie de tentativa de contra-arrestar a crise emanada da desproporcionalidade entre os Departamentos I e II. No entanto, as despesas permanentes com o complexo industrial-militar podem representar uma redistribuição de lucros para empresas do Departamento I às expensas das empresas do Departamento II. No fundo, o deslocamento do mais-valor do Departamento III para os demais Departamentos é praticamente insustentável porque é completamente impensável uma composição orgânica menor no Departamento III perante os outros dois Departamentos. É totalmente impensável que os capitalistas possam organizar a produção de armamentos para aumentar os salários ao invés de rebaixá-los ao máximo (Mandel, 1982).

O equilíbrio entre os Departamentos passaria pela relação de equivalência entre o volume dos produtos armamentista (valor do capital constante, valor do capital variável e do mais-valor) com os impostos estabelecidos sobre os salários dos trabalhadores e o lucro dos capitalistas dos demais Departamentos. Os salários dos trabalhadores e o mais-valor dos capitalistas do Departamento I precisariam ser idênticos à demanda dos novos meios de produção dos outros Departamentos. No entanto, segundo Mandel (1982, p. 209), “uma composição orgânica crescente de capital e uma taxa crescente de mais-valia destroem essas condições de equilíbrio, da mesma forma que as destroem num sistema de dois Departamentos, é citado pela lógica interna do sistema”.

Os impostos fixados sobre os salários e sobre o mais-valor presumem a realização do valor produzido nos Departamentos I e II, sem qualquer espécie de resíduos invendáveis de mercadorias. Além disso, subsiste a possibilidade de obstáculo na preservação da relação de proporcionalidade exata do Departamento III com os Departamentos I e II. Isso não implica que a produção constante de armamentos incidirá somente nos períodos de excesso de capital e de excedente da força de trabalho. Mesmo no contexto de pleno emprego, propiciado pela economia de guerra, é possível a constituição de uma relação desproporcional entre os três Departamentos, podendo ocorrer um ciclo de reprodução regressiva (Mandel, 1982, p. 210). Entretanto, é preciso destacar que o Departamento III distingue-se inexoravelmente dos Departamentos engajados na

produção de bens de consumo e meios de produção. O capital destinado à produção bélica não pode ser considerado como capital *produtivo* – no sentido de produção de mais-valor – mas como capital que se alimenta do mais-valor. O terceiro Departamento não produz nenhum mais-valor.

As despesas com armamentos conduzem inexoravelmente à queda dos salários e ao aumento do mais-valor. Para Rosa Luxemburgo (1985), os impostos extorquidos dos trabalhadores pelo Estado servem para proporcionar uma nova forma de acumulação para o capital quando são utilizados na produção de armamentos. Pela sua mediação é possível não somente rebaixar o padrão de vida do proletariado, mas assegurar em nível cada vez mais elevado uma estrutura coercitiva da burguesia sobre a classe trabalhadora.

São os proletários e camponeses que financiam o complexo militar-industrial mediante o pagamento de impostos e tarifas ao Estado. Como esclarece Luxemburgo (1985, p. 313): “Mediante impostos indiretos e altas tarifas alfandegárias, os custos do militarismo são cobertos em grande parte pela classe operária e pelo campesinato”. Assim, recursos que deveriam ser destinados à reprodução da classe trabalhadora são drenados para um setor totalmente parasitário e destrutivo, e as riquezas oriundas da classe trabalhadora são lançadas numa espécie de poço sem fundo.

A crise estrutural do sistema do capital denota que o modo de produção capitalista não reúne condições de deslocar suas contradições sem recorrer ao Departamento III, uma vez que todas as economias pré-capitalistas já foram anexadas ao modo de produção essencialmente capitalista. Desse modo, a produção armamentista se constitui como mecanismo fundamental para amenizar as crises que acometem o sistema do capital em sua totalidade (produção-circulação-consumo).

Inexoravelmente, o Departamento III possui uma natureza distinta dos Departamentos I e II. A diferença substancial é que ele não promove a criação de novos valores, mas tão somente a destruição de valores e forças produtivas existentes. E quando produz novas mercadorias ele não compete com as mercadorias produzidas pelos Departamentos I e II. Nesse processo, o Estado serve não somente como guardião dos interesses das grandes corporações, mas como agente financiador do grande capital, pavimentando o itinerário na perspectiva de produção destrutiva. Desse modo, nenhum dos dois primeiros setores que constituem o capital precisa desviar seu movimento de rotação do valor que se valoriza para dirigir-se à produção destrutiva. É o Estado que assegura a viabilidade da constituição do terceiro Departamento, garantindo taxas de lucratividade elevadas mediante o deslocamento do mais-valor emanado dos trabalhadores. Assim, o Estado remunera os capitalistas do terceiro Departamento financiando a destruição de forças produtivas. Pela mediação da destruição de unidades de forças produtivas propiciada pela produção armamentista, novos mercados podem ser abertos para as forças produtivas portadoras de maior composição orgânica do capital e protegidas pelas nações imperialistas.



## **THINK TANKS COMO MECANISMO DE ASCENDÊNCIA DO COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR E A NATUREZA DESTRUTIVA DO CAPITAL**

A articulação entre Estado e CIM resulta num formidável entrelaçamento que tem como imperativo resolver problemas iminentes da produção, distribuição e consumo do sistema do capital, e não aos interesses da humanidade. Entretanto, o Estado não está acima das contradições que perpassam o sistema do capital, a tentativa do capital de atenuar a crise do sistema pela mediação do terceiro Departamento acaba aprofundando a crise do Estado, é o que se observa com o crescimento exponencial da dívida pública da maior potência imperialista mundial (EUA). O Estado deriva do capital e não o contrário (Hirsch, 2010); e assim sendo, é impossível que ele possa superar minimamente as contradições que perpassam o referido sistema.

### **3 O COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR (CIM) E OS THINK TANKS (TT) NORTE-AMERICANOS**

A segunda fase do capitalismo monopolista (capitalismo tardio) representa um salto qualitativo na concentração e centralização de capitais, que impõem a reconfiguração da natureza do Estado, ampliando-se cada vez mais o campo de intervenção estatal na perspectiva de resguardar os interesses das grandes corporações empresariais e financeiras num contexto de aprofundamento expressivo da crise econômica a partir da década de 1960<sup>9</sup>. Nessas circunstâncias, crescem os grupos de pressão da classe capitalista sob os gestores estatais mediante a constituição de uma legislação cada vez mais benevolente aos seus interesses. Escreve Mandel (1982, p. 344): “Os grupos de pressão representam interesses particulares de determinados grupos de capitalistas, de setores específicos da indústria e do comércio, do capital financeiro e de firmas exportadoras contra os produtores nacionais”. O poder econômico das corporações financeiras é “tão grande que podem intervir diretamente por direito próprio na formulação e constituição das decisões políticas a nível do Estado e do Governo” (Mandel, 1982, p. 344).

Uma das manifestações dos grupos de pressão sobre as políticas econômicas se expressa nos *think tanks* (TTs). Evidentemente, eles não se circunscrevem ao âmbito da defesa e do *lobby* militarista, porquanto abrange “universidades sem alunos”, organizações de pesquisa articuladas ao grande capital ou filiadas aos partidos políticos etc. A maioria dos ativistas do movimento conservador acredita que as universidades são hostis à sua visão do mundo pró-mercado e escolhem diferentes estratégias de mobilidade profissional graças aos consideráveis recursos políticos e econômicos dos seus patrocinadores (Medvetz, 2012, p. 128-129). A partir da segunda metade da década de 1970, a proliferação de grupos organizados e financiados nos Estados Unidos têm sucedido em confluência com a generalização do discurso agressivo no ativismo ideopolítico. Esta situação

também é alimentada pela proliferação de grupos de ativistas organizados para participar na “guerra de ideias”, em que os *think tanks* desempenham papéis fundamentais.

Essas organizações aparecem como se fossem entidades independentes e autônomas, quando na verdade desenvolvem pesquisas de elevado potencial tecnológico (informática, robótica, cibernética e inteligência artificial) e constituem uma formulação de arranjos ideopolíticos aparentemente inovadores para assegurar de maneira assimétrica os interesses das grandes corporações transnacionais. Isso está em plena consonância com os processos de fetichização que perpassam a natureza do capital, em que os processos políticos estabelecidos tentam obliterar sua articulação orgânica com as relações de domínio e exploração (Hirsch, 2010).

Os seus estudos documentados (livros, entrevistas, artigos, comentários e editoriais) utilizam frequentemente a linguagem de especialistas e demonstram o investimento de capital adquirido no campo acadêmico (Smith, 1991, p. 191-193). A fim de viabilizar a liberação de somas bilionárias do orçamento público norte-americano para o CIM, os *think tanks* desenvolvem uma malha de influência lobista fundamentada na engenharia ideológica plasmada recentemente nos conceitos de guerras preventivas contra o terror e na necessidade premente da defesa da ordem mundial mediante a ativação de novos arranjos coercitivos.

A ascendência vertiginosa dos representantes das grandes empresas do complexo industrial-militar e dos grupos financeiros aos postos políticos mais elevados do Executivo revela a necessidade desses complexos assumirem o controle direto da esfera política (Mészáros, 2011). O precedente controle indireto é transcendido pela demanda objetiva de maior controle das decisões políticas pelas personificações do capital monopolista. A crise estrutural do sistema do capital requer a constituição de métodos de controle sociais claramente coercitivos quando falham os métodos tradicionais de persuasão, prescrevendo a guerra para solucionar os problemas que as próprias empresas transnacionais e os grandes aglomerados financeiros forjaram.

A influência que o complexo industrial-militar exerce sobre a política não resulta simplesmente da predominância da economia sobre a política, mas da necessidade inerente ao capital de expandir seus tentáculos sobre todas as esferas sociais, difundindo seus processos de internalização de regras desde os microcosmos sociais até suas gigantescas corporações transnacionais. O capital não é somente uma “entidade material”, mas uma poderosa forma sociometabólica singular de controle social que se coloca acima da e contra a sociedade, a aprofundar os processos de alienação, reificação e destruição dos seres humanos (Mészáros, 2011).

Os *think tanks*, enquanto “laboratório de ideias”, têm como imperativo minimizar esses efeitos, assegurando os interesses corporativos do CIM mediante a infiltração de seus agentes e representantes nas estruturas administrativas governamentais (departamentos de defesa, agências de

## THINK TANKS COMO MECANISMO DE ASCENDÊNCIA DO COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR E A NATUREZA DESTRUTIVA DO CAPITAL

inteligências estatais e privadas, Poder Legislativo e Poder Judiciário), na perspectiva de abocanhar uma fatia sempre crescente dos recursos públicos. Para justificar a necessidade das assessorias especializadas, os representantes dos TTs salientam o déficit oriundo dos funcionários públicos e a necessidade de um *ethos* com *expertise* reconhecida em determinados complexos de segurança e defesa nacional e internacional. Desse modo, o Estado recruta os serviços de agentes privados em vigilância e reconhecimento, instituições de segurança e investigação, empresas de consultoria em defesa, empresas de rastreamento global, empresas de serviço em inteligência social, empresas de aeronaves, naves não tripuladas, centros de informática etc.

Embora os TTs tenham emergido no contexto da Segunda Guerra Mundial e se desenvolvido ao longo do pós-guerra, nota-se que no governo de Ronald Reagan (1981-1989) eles encontraram um parceiro fundamental para o projeto “Guerra das Estrelas” (*Star Wars*) ou Iniciativa Estratégica de Defesa, que consistia na formação de uma constelação de radares combinados com um sistema de mísseis antibalísticos transcontinentais articulados com uma rede de satélites com capacidade defensiva e ofensiva.

Havia laços estreitos de Ronald Reagan com muitas figuras proeminentes dos *think tanks* conservadores estadunidenses, como, por exemplo, American Enterprise Institute (AEI), Georgetown University Center for Strategic and International Studies e Heritage Foundation. Esses *think tanks* realizaram funções de influência no governo de Reagan por uma razão fundamental, qual seja, todos eram favoráveis ao aumento dos gastos militares, uma política pela qual Reagan, sem sombra de dúvidas, nutriu profunda simpatia. Conforme (Smith, 1984, p. 35): “Muitos dos principais membros do gabinete de Reagan e funcionários da administração tiveram afiliações longas e próximas com organizações conservadoras, muito mais do que Richard Nixon, Dwight Eisenhower ou qualquer presidente republicano anterior”. No entendimento do autor, os *think tanks* conservadores exerceram influência muito mais relevante na determinação das políticas socioeconômicas dessa administração do que nos governos anteriores.

Nessa etapa, *think tanks* como Heritage Foundation e a Hoover Institution desempenhariam funções primordiais para persuadir a opinião pública quanto à defesa de investimentos militares e na apologia das políticas pró-mercado formuladas pelo governo neoliberal (Mendes, 2021). Ronald Reagan se ergueu como alternativa à crise desencadeada, na década de 1970, mediante a constituição de nova aliança entre capital financeiro e grandes corporações articuladas à guerra. E na penumbra da “Guerra nas Estrelas”, operacionalizou-se uma engenharia da guerra com poderio mortífero inquestionável nos conflitos do Golfo, em 1991, e no conflito do Kosovo, em 1999 (Fiori, 2005).

Pela mediação dos *thinks tanks* como Watch (2012), o governo Bush (2001-2009) reativou o projeto acima mencionado com a denominação de “Escudo antimísseis”, modelo exportado para Israel sob o nome de “Domo de Ferro” (*Iron Dome*). Devido às resistências chinesas e russas, o projeto passou a concentrar-se num sistema de defesa antimísseis balísticos mais terrestre do que na órbita da Terra. O *think tank* Watch introduziu no governo Bush mais oitenta personalidades de grupos como Claremont Institute, AEI, RAND Corporation, PNAC e Jewish Institute for National Security Affairs (JINSA) (Mendes, 2021, p. 9). Foi dos *think tanks* Hudson Institute e do Hoover Institution que emergiram figuras destacadas como Condoleezza Rice e Donald Rumsfeld.

Os acontecimentos sucedidos em 11 de setembro de 2001 rearticularam a relação do governo Bush com pensadores de extrema-direita da área de segurança dos Estados Unidos e de Israel. Esses intelectuais vão constituir o *mainstream* dominante do conceito de segurança e defesa nacional e internacional. Doravante, o paradigma da guerra preventiva contra o terror teria como modelo a guerra de Yom Kippur; pela mediação desse arquétipo de inimigo seria possível assegurar o poderio dos Estados Unidos na economia mundial (Finguerut, 2008). A nova doutrina permitiria conter qualquer ideologia ou Estado nacional que representasse ameaça aos interesses dos Estados Unidos. Nesse diapasão, se recusaram a assinalar o “Tratado de Não-Proliferação de Armamento Nuclear” e abandonaram o “Tratado Antimísseis Balísticos”, concentrando sua atenção na construção do “Escudo Antimísseis” (Fiori, 2005). E sob a insígnia da necessidade de combater a pluralidade de inimigos, sintetizado no Eixo do Mal, foram dedicados mais de 8 trilhões de dólares, entre 2001 e 2021, ao complexo industrial-militar (Paixão, 2022).

Os *think tanks* acima mencionados seriam responsáveis em grande medida pela ascendência da onda reacionária e conservadora que emergiu no território estadunidense nos últimos anos e que encontrou seu ponto fulgurante na eleição de Donald Trump (2017-2021). No entanto, os *think tanks* também exerceram notável influência sobre os governos democratas; particularmente em instituições como Progressive Policy Institute (PPI) e Democratic Leadership Council (DLC), que assumiram cargos fundamentais no governo de Bill Clinton (ex-presidente da DLC) (Mendes, 2021).

O Center for American Progress (CAP) e o Center New American Security influenciaram notavelmente a política externa do governo Barack Obama (2009-2017). Ao contrário do que alardearam seus instrumentos de propaganda – que lhe asseguraram o Prêmio Nobel da Paz, em 2009, pela retirada de tropas do Afeganistão e Iraque, para deixar em seu lugar tropas mercenárias –, o governo Obama superou o governo precedente em ataques às nações muçulmanas, invadindo e declarando guerra contra Líbia (2011), Somália (2011), Iraque e Síria (2014), Afeganistão e Iêmen (2016) etc. Entre os principais membros de TT (CAP e CNAS) com postos elevados no governo Obama

## THINK TANKS COMO MECANISMO DE ASCENDÊNCIA DO COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR E A NATUREZA DESTRUTIVA DO CAPITAL

merecem destaque: John Podesta (Conselheiro), Vikram Singh (Defesa), Lawrence Summers (Tesouro), Richard Danzig (Política Externa) e Susan Rice (Embaixadora na ONU) (Mendes, 2021).

Os problemas acumulados com o *establishment* republicano e o ostracismo dos democratas conduziram o *Heritage Action* aos braços de Donald Trump. Em seu portfólio, o referido *think tank* expressa sua relevância quanto às seguintes políticas do governo Trump: “retirada dos Estados Unidos do Acordo de Paris sobre o clima, o aumento dos gastos militares etc.” (HERITAGE, 2021). Entre os membros de *Heritage* no governo Trump, destacam-se Justin Thomas (Defesa) e Charles Stimson (Defesa), dentre outros (Mendes, 2021, p. 15).

O retorno dos democratas ao poder na Casa Branca, com Joe Biden (2021-2024), trouxe de volta a influência do *Center for American Progress* (CAP). Sessenta figuras importantes desse *think tanks* desempenham postos elevados, especialmente no campo da defesa e segurança externa. Pela mediação dos *think tanks* pró-guerra, o governo Joe Biden adotou uma política ofensiva tanto em relação à China quanto em relação à Rússia, o que resultou no conflito da Ucrânia e na intensificação da polarização no Oriente Médio, na Ásia e no Pacífico. A superioridade da máquina de guerra norte-americana tem servido como mecanismo de preservação de seu potencial imperialista, duramente ameaçado pelas taxas de crescimento econômico chinês. Entretanto, o poderio bélico dos Estados Unidos – revelado nas guerras do Afeganistão, do Iraque e da Líbia – passou a ser atenuado nas guerras da Síria e da Ucrânia, nas quais as forças bélicas russas mostraram um avançado potencial tecnológico (com drones, máquinas inteligentes e mísseis) e um enorme poder destrutivo.

O mundo tem experimentado uma reconfiguração nas últimas décadas, assumindo corolários de multipolaridade que tendem a superar o poderio monopolar dos Estados Unidos. Isso impõe a necessidade de os Estados Unidos aprimorarem sua máquina de guerra, a fim de assegurar sua hegemonia econômica e política global. Por sua vez, a radical contraposição ao reposicionamento geoestratégico imposto pela ascendência econômica chinesa implica uma nova corrida armamentista que, a depender dos posicionamentos, pode colocar em risco o destino da humanidade. O aperfeiçoamento da máquina mortífera ensejada nas dezenas de guerras parciais pode a qualquer instante se converter numa desastrosa guerra total.

No conflito da Ucrânia, os grupos beneficiados são os poderosos aglomerados do complexo militar-industrial, que repassam seus estoques de armamentos, renovam seu arsenal bélico e assumem as tarefas de abastecimento (gás natural, alimentos etc.) e reconstrução das cidades e empresas destruídas. A remessa de enormes volumes de capitais (na forma de armamentos) para a Ucrânia possibilitou a renovação e a elevação dos preços dos produtos manufaturados do complexo industrial-militar, obrigando os países da Europa a ampliar seus investimentos na mortífera máquina de guerra.

As taxas de lucratividade das ações de empresas transnacionais norte-americanas como RTX Corporation (valor de mercado: 127 bilhões de dólares), Lockheed Martin (valor de mercado: 109 bilhões de dólares), Northrop Grumman (71 bilhões de dólares), General Dynamics (65 bilhões de dólares), L3Harris Technologies (34 bilhões de dólares), Boeing, Hill, Leidos, Amentum, Honeywell, General Electric subiram 12,78% nos dois últimos anos. O lucro da Lockheed Martin alcançou 69,6 mil milhões de dólares em 2023, o que representa 5,28% em relação a 2022. A General Dynamics atingiu uma lucratividade de 42,3 mil milhões, aproximadamente mais 7% em relação a 2022. Já a RTX Corporation atingiu a cifra de 68,9 mil milhões em 2023, uma taxa de 3% acima do alcançado em 2022 (Carvalho, 2024). Uma parte da lucratividade proveio da inflação decorrente dos produtos bélicos. Por exemplo, os M777, que custavam, em 2008, 2 milhões de dólares, saltaram para 4 milhões, em 2023; os Patriot (MM-104), que custavam 100 milhões, em 2022, passaram a 225 milhões, em 2023; cada um de seus mísseis saltou de 2 milhões para 4,1 milhões no mesmo período (Carvalho, 2024). Sozinho, os Estados Unidos concentram 40 das maiores empresas de armamentos do mundo,

O conflito na Ucrânia ampliou as despesas mundiais com o complexo industrial-militar em 3,7%, alcançando 2,4 trilhões de dólares em 2023. Estados Unidos, China e Rússia são os maiores investidores no complexo industrial-militar, representando 56% das despesas totais. Os EUA aparecem em primeiro lugar com 916 bilhões de dólares, representando 40% dos gastos; isso implica 3,5% de seu Produto Interno Bruto (PIB). Esse montante de recursos é fundamental para manter suas 865 bases militares em 130 países, com seus 350 mil soldados, bem como suas sete poderosas frotas navais, bem como para controlar o espaço sideral e cibernético mediante uma constelação de satélites, redes sofisticadas de comunicação, estações rastreadoras, aviões espias etc. (Corrion, 2016).

O governo Biden destinou 295 bilhões de dólares para operações militares e manutenção, 264 bilhões de dólares para pesquisa e desenvolvimento da indústria bélica e 167 bilhões de dólares para o setor pessoal de seu complexo industrial-militar (Dyvik, 2023). Já no conflito da Ucrânia, endereçou 19,9 milhões de dólares somente em 2022, e obteve um orçamento extra de 95,3 bilhões, em 2024, para alimentar tanto o referido conflito bélico quanto a máquina mortífera de guerra israelense contra os palestinos e a defesa dos interesses norte-americanos no Pacífico (PODER360, 2024).

O cenário promissor para o CIM norte-americano, pela mediação dos *think tanks*, revela a natureza dos Estados-nacionais como agentes garantidores da concentração e centralização da expansão e acumulação de capitais produtivos e especulativos. A estrutura de comando político do capital, em tempos de crise estrutural, aciona o CIM para assegurar novos nichos de mercado a suas unidades econômicas dominantes. Em tempos de crise estrutural, o ideário liberal do “livre comércio” é substituído pela “diplomacia dos canhoneiros”; pela sua mediação, é possível impor uma nova forma de

dominação, em que as “restrições econômicas” à Rússia<sup>10</sup>, devido ao conflito bélico com a Ucrânia, impõem efeitos colaterais à economia europeia. Esta passou a depender do gás natural liquefeito (GNL) norte-americano – que fornece 50% das importações de GNL consumido pela EU (RIZVI, 2024) –, bem como da eletricidade e dos artefatos bélicos de empresas estadunidenses.

Com isso, os EUA se tornaram o maior exportador de GNL do mundo, beneficiando transnacionais petrolíferas como ExxonMobil, Chevron, ConocoPhillips, EOG, Pioneer Natural Resources, Occidental Petroleum, Hess, Devon Energy, Diamondback Energy, Coterra Energy etc. Desse modo, a maquinaria estatal norte-americana, pela mediação de uma interseção complexa, assegura tanto seus interesses geopolíticos e estratégicos de defesa e segurança internacional quanto seus preceitos econômicos, ameaçados pela nova reconfiguração da economia global e pela incapacidade de superar a crise estrutural que perpassa o sistema do capital. Observa-se que o imperialismo norte-americano procura preservar-se pela medição de seu poderio político-militar, ou seja, a maquinaria de guerra que serviu para forjar seu poderio econômico na segunda metade do século XX continua em movimento e denota o caráter essencialmente destrutivo da produção nesta etapa do capitalismo tardio. Nesse processo, tanto o Estado de bem-estar social quanto o “Estado mínimo”, advogado pelo neoliberalismo, se revelam como agentes dos interesses do grande capital e incapazes de evitar a longa onda depressiva que marca a crise estrutural do capital e todas as suas consequências destrutivas para as forças produtivas, a natureza e a humanidade.

#### **4 CONCLUSÃO**

Com o desenvolvimento deste texto esperamos que tenha sido possível demonstrar que os *think tanks* de defesa não são meras figuras coadjuvantes da indústria militar, pois desempenham funções protagonistas na política expansionista norte-americana, centrada na arquitetônica da guerra, e estando bem situados no interior de seus principais órgãos de segurança e defesa. A forte presença dos *think tanks* nos governos norte-americanos viabilizou o crescimento de elevados contingentes financeiros para o referido complexo, independentemente da sigla partidária (republicanos ou democratas) instaurada na Casa Branca nas últimas décadas.

O Estado como grande consumidor dos produtos fornecidos pelo complexo industrial-militar revela a inocuidade da cantilena entoada pelas políticas neoliberais que fazem a apologia do Estado mínimo e da ausência de intervenção estatal na economia. Na verdade, trata-se somente de uma alteração da forma da reciprocidade dialética entre a estrutura de comando político e a estrutura socioeconômica. Nessa nova morfologia, os *think tanks* emergem como figuras essenciais para operar a desmistificação do Estado como uma estrutura acima das contradições que permeiam a sociedade

civil. A ascendência do CIM, pela mediação dos *think tanks*, torna evidente que o Estado atende aos imperativos da natureza destrutiva do capital incentivando a produção em massa não somente de armamentos militares, mas da produção de mercadorias que permitem a destruição física, psicológica e moral do ser humano.

No percurso desta exposição, buscou-se apontar a unidade estabelecida entre CIM, TT e Estado, na perspectiva de resguardar os interesses do grande capital (produtivo e especulativo) na etapa do capitalismo tardio, enquanto uma fase perpassada pela crise estrutural do capital e sem nenhuma perspectiva de recuperação econômica do sistema como feito nas etapas precedentes. Desta forma, a tentativa de implementação de ações corretivas e reparadoras da crise pela mediação do Estado serve somente para atenuar a crise de expansão e acumulação do capital; no entanto, isso se inscreve, pela recorrência, à produção essencialmente destrutiva, colocando em risco a sobrevivência da humanidade. Dito de outra maneira, a ação corretiva do Estado para atenuar a crise de expansão e acumulação do capital, pela mediação do CIM, é extremamente embaraçosa e periculosa. E assim, nota-se que ao invés de solucionar as dificuldades postas, a recorrência ao CIM ativa a natureza perdulária e esbanjadora do capital. Por fim, a necessidade da abundância de recursos para alimentar sua força motora, eminentemente destrutiva, põe em risco a sobrevivência do próprio sistema, o que seria extremamente útil à construção de uma sociedade fundada em outras bases econômicas, no entanto, esse risco também ameaça a sobrevivência da própria humanidade.

## REFERÊNCIAS

BARAN, Paul.; SWEEZY, Paul M. **Capitalismo monopolista**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

CARRION, Raul. **Bases militares dos EUA e da OTAN: ameaça à Paz!** Agosto de 2016. Disponível: [http://www.raulcarrion.com.br/bases\\_militares.asp#:~:text=Para%20assegurar%20seu%20dom%C3%A9nio%20sobre,avi%C3%B5es%20de%20guerra%2C%20m%C3%ADs%20e](http://www.raulcarrion.com.br/bases_militares.asp#:~:text=Para%20assegurar%20seu%20dom%C3%A9nio%20sobre,avi%C3%B5es%20de%20guerra%2C%20m%C3%ADs%20e). Acesso em: 27 maio 2024.

CARVALHO, D. Vaz de **A economia de guerra em preparação**. Maio de 2024. Disponível em: [https://resistir.info/v\\_carvalho/economia\\_de\\_guerra\\_08mai24.html](https://resistir.info/v_carvalho/economia_de_guerra_08mai24.html). Acesso em: 20 maio 2024.

DYVIK, Einar H. **Countries with the highest military spending worldwide in 2023**. Maio de 2024. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/262742/countries-with-the-highest-military-spending/#:~:text=Global%20military%20spending,in%20the%20South%20China%20Sea>. Acesso em: 22 abr. 2024.

FINGUERUT, Ariel. **A influência do pensamento conservador na política externa de George W. Bush**. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara–SP, 2008.



**THINK TANKS COMO MECANISMO DE ASCENDÊNCIA DO COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR E A NATUREZA DESTRUTIVA DO CAPITAL**

FIORI, J. Luís. **O Brasil no império americano**. Dezembro de 2005. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/o-brasil-no-imperio-americano>. Acesso em: 25 maio 2024.

HERITAGE. About Heritage. **Impact**, 2021. Disponível em: <https://www.heritage.org/about-heritage/impact>. Acesso em: 20 maio 2024.

HIRSCH, Joachim. **Teoria Materialista do Estado**: processo de transformação do sistema capitalista de Estados. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2010.

JAPPE, Anselm. “Viagem ao coração das trevas” do capitalismo. **Revista Crítica Marxista**, n. 42, p. 113-123, 2016. Disponível em: [https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/comentario2017\\_02\\_15\\_11\\_36\\_34.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/comentario2017_02_15_11_36_34.pdf). Acesso em: 21 de maio 2024.

KURZ, Robert. **A substância do capital**. Dezembro de 2010. Disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz203.htm> (15/12/2010). Acesso em: 26 maio 2024.

LUMERTZ, J.S. **A Parceria Público-Privada na educação**: Implicações para a Gestão da Escola. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

LUXEMBURG, Rosa. **Acumulação do capital**: contribuição ao estudo econômico do imperialismo. Trad. Marijane Vieira Lisboa e Otto Erich Walter Maas. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. Trad. Carlos E. S. Matos *et. al.* São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MANDEL, Ernest. **A crise do capital**: os fatos e a sua interpretação marxista. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1990.

MARTINEZ, E. D. M. – SERVIDONI, T. R. A influência do complexo industrial-militar na Política Externa dos Estados Unidos da América após os atentados do 11 de Setembro. **Rev. Carta Inter.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 127-152, 2019. Disponível em: <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/866/608>. Acesso em: 19 maio 2024.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I. O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.

MEDVETZ, T. Public policy is like having a vaudeville act: languages of duty and difference among think tank-affiliated policy experts. **Qualitative Sociology**, 33(4), 549-562, 2010.

MEDVETZ, T. Think tanks in America. Chicago: University of Chicago Press. Medvetz, T. (2013). Opening the black box of intellectual autonomy. **Papers: Rev. de Sociologia**, 98(3), 573-579, 2012.

MENDES, P. C. C. **Meandros do poder**: a influência dos *think tanks* na política externa dos Estados Unidos. XI Enabed, 2021. Disponível em: [https://www.enabed2021.abedef.org/resources/anais/15/enabed2020/1631310560\\_ARQUIVO\\_a3cf0057a33a06361283e0d692cf3832.pdf](https://www.enabed2021.abedef.org/resources/anais/15/enabed2020/1631310560_ARQUIVO_a3cf0057a33a06361283e0d692cf3832.pdf). Acesso em: 21 maio 2024.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição/István Mészáros; tradução Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. 1. ed. Revista. São Paulo: Boitempo, 2011.

OLIVEIRA, Ariana Bazzano de. A guerra terceirizada: as empresas privadas de segurança e a “guerra ao terror”. **Carta Internacional**. Março de 2010.

<https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/530>. Acesso em: 20 maio 2024.

PAIXÃO, Fernanda. Em “nome da paz”, EUA gastaram mais de 8 trilhões em invasões militares desde 2001. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2022/03/05/em-nome-da-paz-eua-gastaram-mais-de-us-8-trilhoes-em-invasoes-militares-desde-2001>. Acesso em: 20 maio 2024.

PODER360. **EUA aprovam pacote de ajuda US\$ 95 bi a Ucrânia, Israel e Taiwan**. Abril de 2024.

Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/senado-dos-eua-aprova-pacote-us-95-bi-a-ucrania-israel-e-taiwan/>. Acesso em: 3 jun. 2024.

POCH, Rafael. **La invasión de Ucrania**. 15 enero, 2022. Disponível em:

<https://rafaelpoch.com/2022/01/15/la-invasion-de-ucrania/> Acesso em: 22 maio de 2024.

PRADO, Eleutério Fernando da Silva. **Crise estrutural do capitalismo**: uma reconstrução conceitual e empírica. Economia e complexidade. Dezembro de 2016. Disponível online em

<https://eleuterioprado.files.wordpress.com/2016/12/crise-estrutural-do-capitalismo.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

RIZVI, Osama. **O que 2024 tem reservado para o gás natural liquefeito e para a Europa**. Janeiro de 2024.

Disponível em: <https://pt.euronews.com/business/2024/01/29/o-que-2024-tem-reservado-para-o-gas-natural-liquefeito-e-para-a-europa>. Acesso em: 20 mai. 2024.

SOUZA, Gustavo H. Heluane. **Nord Stream**: o gasoduto russo e sua influência geopolítica na Europa.

Agosto de 2024. Disponível em: <https://www.politize.com.br/nord-stream/>. Acesso em: 29 maio 2024.

SMITH, Fritz. **Conservative Think-Tanks and Reagan Defense Policy**. Towson University Journal of International Affairs, 1984.

SMITH, J. A. **The idea brokers**: think tanks and the rise of the new policy elite. New York: Toronto: The Free Press, 1991.

THINK TANK WATCH. **Former Bushie’s favorite think tanks?** Agosto de 2012. Disponível em:

<http://www.thinktankwatch.com/2012/08/what-are-bush-administrations-favorite.html>. Acesso em: 12 ago. 2023.

## Notas

<sup>1</sup> Segundo Hirsch (2010), o processo de acumulação do capital se plasma mediante crises econômicas e políticas sucessivas e intermitentes. Isso permite que essa forma histórica concreta de acumulação e expansão seja continuamente transformada sem alterar a sua essência.

<sup>2</sup> A relação promíscua entre Estado, CIM e empresas capitalistas foi denunciada pelo presidente Dwight Eisenhower, quando em seu discurso de despedida salientou o incomensurável crescimento do poderio militar na economia e na política norte-americana. Essa aliança não se inscreveria de modo informal, senão como elemento basilar para a ubiquidade do

## THINK TANKS COMO MECANISMO DE ASCENDÊNCIA DO COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR E A NATUREZA DESTRUTIVA DO CAPITAL

capital sobre o trabalho e as organizações proletárias em todo o mundo (BARAN-SWEEZY, 1978). A força do CIM foi evidenciada, entre 1950 e 1960, com o deslocamento de 60% do orçamento estadunidense para as despesas militares, ao declarar guerra a treze países. Quando uma personificação do capital, como Eisenhower, denuncia o referido complexo, isso denota que seu poder se estende para além da esfera da segurança interna e externa de um país, passando a determinar outros complexos, com capacidade de promover conflitos e guerras tão somente para alimentar seus interesses e preservar seu *status quo* (MARTINEZ, SERVIDONI, 2019). Eisenhower pensava ser possível controlar o complexo industrial-militar; entretanto, tal complexo não pode ser controlado, assim como o capital. Não foi à toa que ele se configurou como uma espécie de tábua de salvação tanto dos governos nazifascistas quanto dos governos liberal-democráticos, revelando a falácia das mirabolantes e ineficazes propostas de Keynes e das intervenções estatais do tipo “New Deal” (MÉSZÁROS, 2011).

<sup>3</sup> Cabe salientar que o termo “crise estrutural” não se aplica de forma unívoca entre autores como I. Mézáros, Immanuel Wallerstein, Robert Kurz etc.

<sup>4</sup> Para Robert Kurz (2010), a financeirização emerge como espécie de alternativa teleológica para driblar as barreiras instauradas no processo de expansão da valorização do valor mediante a exploração do trabalho abstrato. Desse modo, ele entende que a crise fundamental que perpassa o sistema do capital na atualidade se configura na impossibilidade de o valor continuar se valorizando pela mediação do trabalho abstrato (Cf. JAPPE, 2016).

<sup>5</sup> A função repressiva de impor a vontade da classe dominante por meio da coerção (exército, polícia, lei, sistema penal) foi a dimensão do Estado mais intimamente examinada pelo marxismo clássico. Mais tarde Lukács e Gramsci colocaram ênfase maior em sua função integradora, que atribuíam essencialmente à ideologia da classe dirigente. (MANDEL, 1982, p. 334).

<sup>6</sup> Para Mandel (1982, p. 399): “a crise das relações de produção capitalistas se apresenta como a crise de um sistema de relações entre os homens, dentro e entre as unidades de produção (empresas), que corresponde cada vez menos à base técnica do trabalho, quer em sua forma presente, quer em sua forma potencial. Podemos definir como uma crise não só das condições capitalistas de apropriação, valorização e acumulação, mas também da produção de mercadorias, da divisão capitalista do trabalho, da estrutura capitalista da empresa, do Estado nacional burguês e da subordinação do trabalho ao capital como um todo. Todas essas múltiplas crises são apenas facetas diferentes de uma única realidade, de uma totalidade socioeconômica: o modo de produção capitalista”.

<sup>7</sup> Escreve Mandel (1982, p. 133-34, itálico do autor): “*Longe de corresponder a uma ‘sociedade pós-industrial’, o capitalismo tardio aparece assim como o período em que pela primeira vez, todos os ramos da economia se encontram plenamente industrializados; ao que ainda seria possível acrescentar a mecanização crescente da esfera da circulação [...] e a mecanização da superestrutura*”. A década de 1960 representaria o fim do movimento econômico ascendente experimentado pelo pós-guerra, em que se intensificam as contradições do capitalismo.

<sup>8</sup> A perspectiva postulada por E. Mandel (1982) representa um salto qualitativo perante a primeira elaboração acerca do Departamento III postulada por Michael Tugan-Baranovsky, porque não circunscreve o referido Departamento à esfera da produção de bens de luxo e muito menos ao processo de reprodução simples para superar a desproporcionalidade entre os Departamentos I e II. Ao invés disso, ele consigna a produção armamentista como componente fundamental do terceiro Departamento. Esse terceiro Departamento está exclusivamente relacionado à produção armamentista (armas e munições) e desconsidera os gastos objetivados pelas forças armadas na aquisição de mercadorias advindas dos Departamentos I e II.

<sup>9</sup> Para Mandel (1990), a economia mundial experimentou cinco crises de tipos diferentes: 1) crise clássica de superprodução; 2) combinação da crise clássica de superprodução com mudanças bruscas da “onda longa” que deixou de ser expansiva e passou a ser recessiva; 3) reconfiguração da dominação imperialista com a crise do petróleo e do aumento da dívida pública; 4) crise social e política; 5) “A conjunção dessas quatro crises com a profunda crise estrutural da sociedade burguesa de mais de um decênio acentua a crise de todas as relações de produção capitalista” (MANDEL, 1990, p. 221-222).

<sup>10</sup> O Nord Stream se configura como um complexo sistema de gasodutos que permite o fornecimento de gás natural da Rússia para a Alemanha e da Alemanha para o restante da UE, envolvendo a companhia estatal russa Gazprom e empresas europeias como a Wintershall Dea (alemã), E. ON (alemã), Gasunie (holandesa) e a Engie (francesa). Os EUA se opuseram sistematicamente ao funcionamento do novo gasoduto pelo Mar Báltico (SOUZA, 2023); não é à toa que a guerra eclodiu no instante em que se preparava a inauguração do Nord Stream 2. Com isso, o projeto Nord Stream 2 foi imediatamente abortado e a Rússia se achou obrigada a encontrar novos parceiros para seu gás ocioso.